

## **A BOLSA AMARELA: INTERSEÇÕES COM A CRÍTICA LITERÁRIA DE PETER HUNT**

Mariana Alves  
FACULDADE FRASSINETTI DO RECIFE  
mdsa24@gmail.com

**Resumo:** Trata de uma breve análise literária do livro “*A Bolsa Amarela*” de Lygia Bojunga, a fim de identificar os pontos de encontro dessa obra com a crítica literária proposta por Peter Hunt. *A Bolsa amarela* é uma obra literária da escritora brasileira Lygia Bojunga lançada em 1976. Neste livro Bojunga conta a história da menina Raquel que guarda suas grandes vontades dentro de uma bolsa. Lygia inova em suas narrativas pelo modo como usa a linguagem clara e um vocabulário simples, típicos da fase infantil e que consegue despertar no leitor o interesse e a magia por suas obras pois alcança um entendimento e compreensão dos temas abordados além de aguçar o prazer pela leitura. Por meio de uma pesquisa exploratória, conclui e observa a existência de pontos em comum e divergentes entre a obra e o que aponta a crítica literária de Peter Hunt.

**Palavras-Chave:** Bolsa Amarela, Lygia Bojunga, Literatura Infantojuvenil, Crítica literária.

### **INTRODUÇÃO**

“Pra mim, livro é vida; desde que eu era muito pequena os livros me deram casa e comida” (Lygia Bojunga).

Este trabalho propõe fazer uma breve análise literária do livro “*A bolsa Amarela*” de Lygia Bojunga a fim de identificar os pontos de encontro dessa obra com a crítica literária proposta por Peter Hunt.

A análise literária é, conforme Moisés (1969, p.13) o processo de desarmar o texto literário para lhe analisar por partes, “com vistas a conhecê-lo nos ingredientes que o estruturam”. Por texto literário compreende-se toda “expressão pela palavra escrita, dos conteúdos da ficção ou imaginação” (MOISÉS, 1969, p.14). A análise literária precede, inclusive, a crítica literária.

Peter Hunt (2010, p. 96) define literatura infantil como “livros lidos por; especialmente adequados para; ou especialmente satisfatórios para membros do grupo hoje definido como crianças”. Entretanto, reconhece que tal definição não é muito prática, pois que inclui todo texto lido por uma criança, definida dessa forma. Ainda, segundo o mesmo autor, a discussão sobre quem deve escrever os livros para as crianças e quais as funções que são atribuídas aos livros infantis nos mostra duas tendências: a de livros a serviço de uma leitura deleite, livre de amarras sociais e a de uma leitura utilitária, que quase sempre carrega em si uma incumbência pedagógica.

A análise literária de livros infantis, portanto, deve levar em consideração todos esses pontos e se mostra como uma atividade que exige muita atenção, cuidado e ponderação no momento da apreciação e crítica.

## **A OBRA**

Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo; em pé, fazia parede, deitado, fazia degrau de escada; inclinado, encostava-se a outro e fazia telhado (Lygia Bojunga).

*A Bolsa Amarela* é uma obra literária criada pela escritora brasileira Lygia Bojunga em 1976. Neste livro Bojunga conta a história da menina Raquel que guarda suas grandes vontades dentro de uma bolsa. Raquel é uma criança que não recebe atenção de sua família quando fala de seus desejos e vontades, e esses só fazem crescer a cada dia. Até que um dia recebe um pacote de sua rica tia Brunilda e ganha uma bolsa amarela, um tanto grande para seu tamanho, mas perfeita para guardar os seus anseios (GUIMARÃES, 2013).

E assim ela faz, guarda suas maiores vontades dentro da bolsa. A vontade de crescer, a vontade de ser menino e a vontade de se tornar escritora ficam bem guardadas contando com a ajuda de seus amigos imaginários para viver grandes aventuras e descobrir a controlar suas aspirações. A menina Raquel descobre as respostas para suas inquietações de criança através de sua própria forma de lidar com as situações que vão surgindo no decorrer da história. A obra mistura uma problemática real vivida pela personagem que usa de sua imaginação e fantasia na tentativa de solucionar os (CRISTÓFANO, 2009).

*A Bolsa Amarela* pode ser compreendida como uma inovação na escrita para livros destinados às crianças, uma vez que inova o olhar para as mesmas enquanto leitoras. Sobre esse aspecto, pensa-se na criança como um ser capaz de exprimir suas opiniões e vontades, que passam por momentos de conflitos e descobertas buscando sempre respostas para suas inquietações. Assim, aponta Zilberman (2004, p.73): “é como se Lygia apontasse ser possível desvendar o universo interior da criança, por esse ter um conteúdo próprio, com imagens e aspirações, impossíveis de serem simplesmente reduzidas à noções de psicologia infantil ou de psicanálise”.

O teor imaginativo presente na obra de Lygia, não é à toa. A autora foi uma leitora voraz das obras de Monteiro Lobato, o que fez com isso fosse potencializado em seus escritos:

[...] aquela gente toda do Sítio do Pica-Pau Amarelo começou a virar a *minha gente*. Muito especialmente uma boneca de pano chamada Emília, que fazia tudo e dizia tudo que vinha na cabeça dela. A Emília me

(83) 3322.3222

[contato@conedu.com.br](mailto:contato@conedu.com.br)

[www.conedu.com.br](http://www.conedu.com.br)

deslumbrava! Nossa, como é que ela teve coragem de dizer isso? Ah, eu vou fazer isso também [...]. Esse livro sacudiu a minha imaginação. E ela tinha acordado. Agora ela queria imaginar (BOJUNGA, 2007, p. 19).

Nascida em 26 de agosto no ano de 1932 em Pelotas, Rio Grande Sul, mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro, Brasil, ainda criança. Em sua nova vida na cidade carioca, interessou-se pelo universo artístico tornando-se atriz. Após deixar a carreira de atriz escreveu por dez anos para a televisão e rádio descobrindo seu potencial para criar personagens e sua vocação para a literatura. Em 1972 estreia o livro *Os Colegas*, uma fábula sobre a amizade de cinco animais que vivem grandes emoções (PIRES, 2013).



Figura 1: Lygia Bojunga

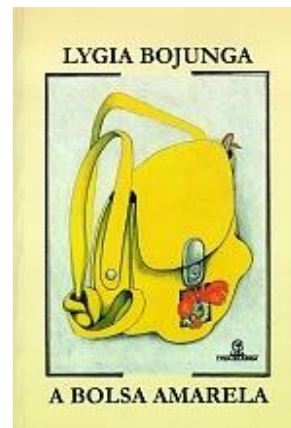


Figura 2: Livro “A Bolsa Amarela”

Após esta, outras vinte obras foram lançadas, das quais uma das que mais se destacou foi *A Bolsa Amarela*, primeira obra em que Lygia tem como principal personagem uma pessoa. A autora com apenas seis livros publicados, recebe em 1982 o prêmio mais importante e consagrado da literatura infanto-juvenil que traz o nome do grande escritor e poeta dinamarquês Hans Christian Andersen.

Em suas obras, a autora consegue unir a realidade e o sonho com respeitabilidade e talento, demonstrando seu compromisso com a infância mesmo quando trata de assuntos que abrangem os conflitos sociais, como a desigualdade, o trabalho infantil e a fome. Lygia inova em suas narrativas pelo modo como usa a linguagem clara e um vocabulário simples, típicos da fase infantil e que consegue despertar no leitor o interesse e a magia por suas obras pois alcança um entendimento e compreensão dos temas abordados além de aguçar o prazer pela leitura (FRANCA, 2007).

## A CRÍTICA E TEORIA DA LITERATURA INFANTIL POR PETER HUNT

Mas fui pegando intimidade com as palavras. E quanto mais íntimas a gente ficava, menos eu ia me lembrando de consertar o telhado ou de construir novas casas. Só por causa de uma razão: o livro agora alimentava a minha imaginação (Lygia Bojunga).

A literatura infanto-juvenil, apesar dos diversos estudos que têm sido realizados desde o seu surgimento, ainda constitui um terreno movediço de conceitos e debates que estimulam pesquisadores a se debruçar sobre o assunto. Em seu livro, *Crítica, teoria e literatura infantil*, Peter Hunt, entre outros propósitos, problematiza o tema trazendo várias concepções, argumentos e visões acerca dos termos literatura, criança/infância e literatura infantil. Inicia sua exposição com a seguinte afirmação: não existe definição única de literatura infantil.

Um *bom livro* infantil, continua o teórico britânico, é considerado como tal tendo em vista diversos fatores, a saber: “o sentido prescrito pela corrente literária/acadêmica dominante; “bom” em termos de eficácia para educação, aquisição de linguagem, socialização/aculturação ou para o entretenimento de uma determinada criança ou grupo de crianças em circunstâncias específicas; ou “bom” em algum sentido moral, religioso ou político; ou ainda em um sentido terapêutico” (HUNT, 2010, p.75).

Da mesma forma também existe uma tensão intelectual do sentido plural do termo *literatura*. Conforme Hunt (2010) polemiza, os bons livros são bons livros para criança e adultos, mas os livros para adultos são livros bons apenas para adultos. Dessa forma, pergunta o autor, os critérios de avaliação da literatura infantil devem ou não ser os mesmos que os da literatura adulta? Ao considerarmos critérios diferentes quer dizer que a literatura infantil é inferior? Ou seria diferente?

Para alguns autores trazidos por Hunt, essa avaliação não exige uma escala especial de critérios. Para outros a literatura infantil jamais pode ser comparada aos clássicos da literatura adulta, já que a primeira possui certas restrições de experiência e vocabulário. Diz o autor: “talvez seja inevitável o fato de que tal ‘sistema’, como define Shavit, tenha um status inferior; mas isso depende, em grande parte, do modo como a sociedade encara as crianças e a infância (HUNT, 2010, p. 90).

É, pois, justamente a forma como a sociedade lida e considera o que é a infância e a criança que define a forma de avaliação dos livros infantis. Primeiro, porque os adultos leem livros infantis como se fossem livros para adultos. Segundo porque “quando o adulto lê textos infantis, quase sempre o estará fazendo em nome de uma criança, para recomendar ou censurar por alguma razão pessoal ou profissional” (HUNT,

2010, p. 80). Então, nos perguntamos onde fica o interesse da criança nesse contexto? Até que ponto o adulto subestima a capacidade de percepção do universo infantil?

Resultados de pesquisas<sup>1</sup> mostram que as crianças são muito mais capazes de lidar com textos do que se supõe, no entanto, ainda assim é difícil explicar essa relação. Vê-se, portanto, que a noção do conceito de texto dentro da área é problemática. “Há uma confusão entre qualidade e público (HUNT, 2010, p.81). Muitas vezes não se é discutida a aptidão ou o interesse que as crianças têm para a literatura, mas impõem-se e julgam como adequados aspectos relacionados a cultura ou supostamente relacionados ao universo infantil. De acordo com Hunt (2010, p. 89), “muitas das pessoas envolvidas com a literatura infantil notam a tendência de usar ‘não só a literatura adulta como modelo, mas o gosto dos adultos como padrão.

O autor ainda provoca dizendo que como não podemos fugir do fato de que os livros infantis são escritos por adulto, é inerente que nesses escritos contenham decisões morais formadoras de opinião da criança, sendo mote inclusive para aquisição de língua e cultura. Sendo compreendida dessa forma, “isso significa que a definição ‘não funcional’ de ‘literatura’ exclui toda literatura infantil ou não se aplica a ela” (HUNT, 2010, p.85).

No entanto, acreditamos que embora possua essa vertente, a busca dos escritores que escrevem para infância na atualidade se aproxima muito mais da busca pela transcendência e da criticidade pela fantasia do que propriamente a instrução moral, mesmo que seja inevitável ou apareça de forma sutil ou indireta em algumas obras. É assim, por exemplo, que se apresenta a obra *A bolsa Amarela* e era essa a intencionalidade da autora ao escrevê-la.

Sobre as características da criança, Hunt (2010) destaca que cada criança tem uma percepção variada conforme se depara com um assunto. Contudo, elas possuem alguns comportamentos comuns, como o fato de serem mais abertas ao pensamento radical e, portanto, possuírem o pensamento mais abrangente (menos limitado). Também veem a linguagem como um elemento de exploração lúdica.

## **INTERSEÇÕES DA OBRA “A BOLSA AMARELA” COM A CRÍTICA LITERÁRIA DE PETER HUNT**

---

<sup>1</sup> Michael Benton (1985) *et al* citado por Hunt (2010, p.81).



A opinião de um dos jurados internacionais do Prêmio Andersen observou sobre o livro *A Bolsa Amarela* que “a ausência de fronteiras entre o realismo e a fantasia faz de seus livros um mundo fascinante” (CASA LYGIA BOJUNGA, 2016). O diálogo entre o galo Afonso e Raquel mostra essa sobreposição de instâncias reais e imaginárias:

Quanto mais eu olhava pras penas, mais eu me assustava: "Puxa mas como é que pode?!"

Até que não resisti mais e falei:

- Sabe? Você é tão parecido com um galo que eu conheço, mas tão parecido mesmo...

Ele tirou a máscara e olhou pra mim. Parecido coisa nenhuma. Era ele mesmo. O Rei. O galo do romance que eu tinha inventado.

- O que é que você tá fazendo aqui?!

- Psiu! Fala baixo, tô fugido.

- Isso eu sei, ué, fui eu que fiz você fugir do galinheiro.

- Mas a questão é que eles me pegaram.

- Não brinca (BOJUNGA, 2005, p.34).

Esse encantamento faz parte do universo da criança já que “as distinções que fazem entre fato e fantasia, entre o desejável e o real são instáveis; e elas são capazes de atribuir características humanas a objetos inanimados de um modo bem menos controlado que o dos adultos” (HUNT, 2010, p.92). Tal personificação é encontrada em *A bolsa Amarela*, no seguinte trecho, por exemplo:

As duas linhas batiam papo até não poder mais:

- Puxa vida, ainda bem que eu nasci linha de pesca: vou viver no mar, no sol, pegando peixe, vai ser legal. Será que o meu comprador vai ter barco?

- Você queria barco a vela ou de motor?

- Motor. Vai mais depressa. Respinga água. Vejo mais mar.

A Linha Forte suspirava:

- Você que é feliz: sabe direitinho a vida que vai ter? Eu não. Passo o dia pensando no quê que vão me usar.

- Você queria ser usada pra quê?

- Ah, pra costurar lona de barraca de acampamento! Já pensou? (BOJUNGA, 2005, p.95).

A linguagem coloquial de Lygia faz com que se aproxime do interesse da criança e do jovem. Como Hunt (2010) a linguagem é um elemento de exploração lúdica da criança. Em *A bolsa Amarela*, a linguagem é um dos primeiros impactos do livro, pois que se aproxima do leitor já que se apresenta de modo bem coloquial e simples. Vejamos:

Abri devagarzinho. Com um medo danado de ser tudo vazio. Espiei. Nem acreditei. Espiei melhor. Mas que curtição! - berrei. E ainda bem que só berrei pensando: ninguém escutou nem olhou. A bolsa tinha sete filhos! (Eu sempre achei que bolso de bolsa é filho da bolsa.) E os sete moravam assim: Em cima, um grandão de cada lado, os dois com zíper; abri-fechei, abri-fechei, abri-fechei, os dois funcionando bem que só vendo (BOJUNGA, 2005, p.28).

A obra em questão vai de encontro ao comentário feito por Hunt (2010) sobre a moralidade presente nas obras de literatura infantil. *A Bolsa Amarela* traz no bojo do seu enredo as temáticas da identidade e liberdade humana, aliada a questões sociais de gênero, consumismo e autoritarismo que ao invés de limitar, ampliam as percepções de mundo do leitor. Em conversa com sua amiga Lorelai, Raquel questiona o seguinte:

- Quem é que resolve as coisas? Quem é o chefe?
- Cada um estuda o que gosta mais. Tem livro aí; a gente escolhe o que quer. O vovô agora tá estudando teatro de bonecos: ele vai fazer um lá na praça.
- Mas... e o resto?
- Que resto?
- Não tem sempre uma porção de coisas pra resolver? Quem é que resolve?
- Nós quatro. Pra isso todo dia tem hora de resolver coisa. Que nem ainda há pouco teve hora de brincar. A gente senta aí na mesa e resolve tudo que precisa. Resolve como é que vai enfrentar um caso que a vizinha criou; resolve se vai brincar mais do que trabalhar; ou estudar mais do que brincar; resolve o que é que vai comer; quanto é que vai gastar em roupa, em comida, em livro; resolve essas transas todas. Cada um dá uma idéia. E fica resolvido o que a maioria acha melhor.
- Você também pode achar?
- Claro! eu também moro aqui, eu também estudo, eu também cozinho, eu também conserto. Aqui todo o mundo acha igual.
- Mas pode?
- Por que é que não pode? (BOJUNGA, 2005, p. 113-115).

Outra discussão proposta por Hunt (2010) ao expor o debate referente a avaliação e estabelecimento de critérios envolvendo a literatura infantil, é expressa em *A bolsa Amarela*, quando é colocado pelos apreciadores que nesta obra “o adulto lê suas histórias com tanto prazer quanto as crianças” (CASA LYGIA BOJUNGA, 2016). Por isso, a obra sempre é citada por manter essa ambiguidade de interesses de público e ter um teor universal, razão pela qual, inclusive, a autora foi prestigiada pelo Prêmio Andersen.

A propósito, Hoki e Fernandes (2015, p. 100) explicam que Bojunga sempre evitou identificar suas obras para crianças, jovens ou adultos, apesar das editoras sempre o fazerem. Porém, ao lançar seus livros por meio de sua editora denominou apenas como literatura brasileira, cabendo “ao leitor, ao mediador e à crítica essa decisão. Silva (2009, p. 45) corrobora:

Sabidamente compreendendo que a mente do jovem leitor difere da do adulto, a autora não limita sua obra ao domínio estreito do real. Sua ficção não se enquadra na linha do verismo, mas avança pelo reino vasto da fantasia, num equilíbrio feliz, capaz de deleitar igualmente leitores jovens e adultos.

Sabemos que toda leitura produz uma impressão, um entendimento em seu leitor mas não podemos apontar e nem classificar tal compreensão pois não é possível identificar algo que é próprio e particular em cada pessoa. Lygia Bojunga

em sua obra *A Bolsa Amarela* aborda de forma implícita temas sociais como o preconceito feminino e suas adversidades. A personagem Raquel surge para representar a necessidade de se olhar para as mulheres de uma forma diferente com mais igualdade e autonomia. De uma maneira implícita e simples a obra denuncia a discriminação por gênero, pois coloca a mulher em uma condição inferior a do homem atribuindo-lhe valores de desigualdade e consumismo.

Nessa narrativa Lygia Bojunga não perde a ludicidade e a mágica em suas narrativas pois seu propósito não é projetar a ideologia da sociedade em relação à posição da mulher, mas fazer dos livros para criança algo livre à interpretações de outros e que proporcionem prazer, sonho e que respeitem o mundo da criança. Quanto a esta concepção Hunt afirma que:

Você pode levar uma criança a um livro, mas não pode fazê-la pensar do mesmo modo que você. Todos os dados psicológicos e educacionais sugerem que as crianças têm uma cultura diferente ou sobreposta, ou uma contracultura em relação à dos adultos, e que elas entendem e fazem associações com significados diferentes (HUNT, 2010, p. 206).

Por este motivo podemos afirmar que as obras infantis em Lygia Bojunga são desprendidas de funções ideológicas, políticas ou pedagógicas, buscam na verdade quebrar padrões, transcender e estimular a identidade do indivíduo.

## CONCLUSÃO

Mas, como a gente tem mania de sempre querer mais, eu cisme um dia de alargar a troca: comecei a fabricar tijolo pra – em algum lugar – uma criança juntar com outros, e levantar a casa onde ela vai morar (Lygia Bojunga).

Peter Hunt (2010) alerta que da mesma forma que a infância não é um conceito estável, a literatura infantil também não o é. Por isso, recomenda cuidado nas divergentes interpretações que são lançadas quando um livro é publicado, assim como nas compreensões advindas de períodos diferentes em contextos sociais diferentes. Para ele, “os conceitos de infância vão alterar radicalmente o texto e são muito mais instáveis que os conceitos referentes aos adultos [...] Assim, lidamos com duas definições muito “abertas” e variáveis” (HUNT, 2010, p. 95).

Percebe-se que a obra analisada traz fortes elementos da fantasia e da realidade que envolvem o universo da infância com uso de linguagem coloquial e personificação de animais e objetos ao mesmo tempo em que convoca temas da identidade e liberdade humana, aliadas a questões sociais de gênero e autoritarismo. Isso permite uma aproximação maior do leitor que ora é a criança ora o adulto.

## REFERÊNCIAS



- BETTELHEIN, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BOJUNGA, Lygia. **A bolsa amarela**. 33. ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2005.
- BOJUNGA, Lygia. **Livro: um encontro**. 268p. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2007.
- CASA LYGIA BOJUNGA. Disponível em: <<http://www.casalugiaboijunga.com.br/pt/index.html>>. Acesso em: 19 jun 2017.
- CRISTÓFANO, Sirlene. **Lygia Bojunga e a Literatura Infante Juvenil: Uma Crítica Lúdica e Abordagem à Realidade Social**. 16p. 2009.
- FRANCA, Vanessa Gomes. **A literatura infantil/juvenil brasileira na França: ou Est Lobatô?** Dissertação. 232p. UFG. Goiânia. 2007.
- GUIMARÃES, Bia. **Leitura e Interpretação de Textos**. Disponível em: <http://biaatividades.blogspot.com.br/2013/01/genero-textual-bilhete-04.html>. Acesso em: 28/06/2017 as 20:29 hs.
- HOKI, Érica de Assis Pereira; FERNANDES, Célia Regina Delácio. A Obra De Lygia Bojunga No Programa Nacional Biblioteca Da Escola- PNBE. **Revista Trama**, v. 11, n. 21, 2015.
- HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. 328p. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Cosacnaify, 2010.
- LE MOS, Adriana Falqueto. Os animais e a alteridade em os colegas (1972) de Lygia Bojunga. **Revista Estação Literária**. Volume 17. Pp.86-95, Jul. Londrina. 2016.
- MOISÉS, Massaud. **A Análise literária**. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1969.
- SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Literatura Infantil Brasileira**. 2. ed. 272p. Goiânia: Cãnone Editorial, 2009.